



i.cemacyc.org

I CEMACYC

I Congreso de Educación Matemática de América Central y El Caribe

6 al 8 noviembre. 2013

Santo Domingo, República Dominicana



Ser bom professor de matemática: a visão de professores iniciantes

Sandra Maria Nascimento de **Mattos**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil
smnmattos@gmail.com

Resumo

Este trabalho versa sobre sondagem inicial a respeito do que seja “bom professor” de matemática na visão de professores iniciantes. Esta sondagem foi realizada por meio de um survey não supervisionado, no Google docs direcionado à população existente em um curso de especialização à distância para professores de matemática, realizado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro em convênio com o Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense – Lante/UFF, Brasil. A análise dos dados aponta para a necessidade de o professor estabelecer um vínculo afetivo entre ele, o aluno e o conhecimento na busca de novas formas de ensino e de aprendizagem. Assinala para um conceito de “bom professor” como aquele que consegue trazer o aluno para seu lado e que atua trabalhando a compreensão empática e desenvolvendo o estímulo intelectual.

Palavras chave: bom professor, matemática, afetividade, ensino-aprendizagem, professores iniciantes

Introdução

O que seria um bom professor de matemática na visão dos professores em início de carreira? A busca por um perfil vem acompanhada pela necessidade de relacionar o sucesso dos alunos a qualidade da ação docente. Ter as qualidades e/ou as competências necessárias a uma profissão exige empenho e preparo. Entretanto, o que ocorre é a desvalorização e culpabilização dos professores pelo fracasso escolar. Os professores iniciantes são colocados em turmas com histórico de fracasso, ocasionando um choque de realidade (Tardif, 2002).

Atualmente, o professor de matemática é foco da atenção de governantes e das políticas públicas devido ao baixo desempenho dos alunos. Existe a ideia de que um “bom” professor de matemática conseguiria modificar esse panorama. Entretanto, as condições para tornar-se um “bom” professor estão relacionadas aos aspectos intrínsecos (representações, valores, afetividade, imagem de si e do outro, formas identitárias) e aos aspectos extrínsecos (salário, carga horária, materiais, recursos didáticos).

O que é ser “bom” professor? Quais os desafios que transformam um professor iniciante em “bom professor”? Para obter algumas respostas trazemos Cunha (1988, 1998, 2004, 2012); Rangel (1994); Ghiraldelli Jr (1997, 2010); Freire (1996) e Lowman (2007) estudiosos do assunto. Bem como, Marcelo Garcia (2008, 2009); Tardif (2002) sobre professores iniciantes. Além de consulta aos autores, na busca para alcançar um dos objetivos de pesquisa, foi realizado um survey não supervisionado via Google docs, através da aplicação de um questionário à população de professores de matemática que realizavam curso de especialização à distância em convênio afirmado entre a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ e o Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense - Lante/UFF, Brasil.

O professor, durante a formação, constrói sua prática adquirida em meio a discursos de diferentes formadores e a variados autores que estes formadores lhe apresenta. Essa construção ocorre vinculada a sua vivência pessoal, a sua experiência profissional e aquilo que o professor traz de sua cultura, seus valores, suas crenças e seus costumes oriundos da família e da sociedade que o circunda. Desse modo, o professor constitui suas representações do que seja bom professor.

Professores de matemática iniciantes: a compreensão de seu papel para a aprendizagem

Quem seria um professor iniciante, ou seja, em início de carreira? Diferentes autores estudam este assunto e sabem que tornar-se professor é um processo longo. O início da docência compreende os primeiros anos de profissão, os quais o professor ainda está fazendo a transição de aluno a professor. É uma etapa cheia de tensões, em que ocorrem múltiplas aprendizagens e aquisição de conhecimento profissional para que o professor consiga sobreviver na profissão escolhida. É um período importante e ao mesmo tempo, difícil, (Gabardo & Hobold, 2011) pelos desafios encontrados e relacionamentos desenvolvidos em sala de aula.

Segundo Feiman (apud Marcelo Garcia, 1999) compreende a terceira fase da profissão docente, denominada Iniciação, abarcando os primeiros anos de exercício profissional, os quais se configuram uma fase marcante na vida do professor. Para Huberman (2000) no contato inicial com a sala de aula ocorrem as fases de sobrevivência ou choque do real e da descoberta. Na fase da sobrevivência ocorre a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional e na fase da descoberta ocorre o entusiasmo inicial, a experimentação e a exaltação por estar em uma profissão.

Dos professores que participaram da pesquisa, 25% têm de 0 a 5 anos e 36% têm de 6 a 10 anos na profissão, o que significa que estes professores estão aprendendo o ofício e socializando-se com os alunos. Para os professores de matemática essa fase inicial é complicada, pois já vem carregada por crenças e valores a respeito do fracasso dos alunos, da dificuldade dos conteúdos e da deficiente relação entre professor-aluno-conhecimento. Os próprios professores já trazem esse discurso de dificuldade de aprendizagem dos alunos. De acordo com P2 é preciso despertar “no aluno o interesse pela matemática, que é um grande tabu hoje em dia” e P60 é preciso “ter

percepção de encontrar a melhor forma de ensiná-lo detectando as dificuldades dos alunos para sanar o máximo de dúvidas possível”.

De acordo com Marcelo Garcia (2008, p.11-12) “Os professores iniciantes necessitam possuir um conjunto de ideias e habilidades críticas assim como a capacidade de refletir, avaliar e aprender sobre seu ensino, de tal forma que melhorem continuamente como docentes. Isso é possível se o conhecimento essencial para os professores iniciantes possa se organizar, representar e comunicar de forma que eles permitam aos alunos uma compreensão mais profunda do conteúdo que aprendem”. Segundo P1 para melhorar como docente é necessário “Em primeiro lugar conhecer o que se ensina, buscando sempre formas para apresentação dos conteúdos interligando-os interdisciplinarmente. Saber ouvir, ser uma pessoa atenciosa e atenta as dificuldades do grupo e as individuais. Buscar no próprio grupo de alunos formas de sanar e alcançar o entendimento daqueles que apresentam qualquer dificuldade de aprendizagem ou interesse”.

Aprender a ensinar é um processo contínuo na vida profissional de qualquer professor. Neste processo o professor adquire competências, habilidades e atitudes inerentes a profissão. Ele traz uma cultura escolar adquirida em seu processo como aluno, que envolve valores, conhecimentos e modelos.

“Bom professor” por diferentes autores

Qual seria o perfil de professor no século XXI? Se, em cada época existiu um perfil ideal de professor, agora mais ainda é crucial identificá-lo. Aumentam a preocupação com a formação inicial e continuada do professor. Pesquisas avolumam-se sobre a prática docente, sua relação com a teoria e a complexidade do cotidiano escolar. Emergem ideias do professor como prático reflexivo, animador, pesquisador, reflexivo-pesquisador, analítico-simbólico. Um “bom professor” para uma época não o será para outra. Um “bom professor” traz características inerentes ao seu momento cultural e sócio-histórico.

Monteiro e Martins (2009) pesquisaram sobre o que seria bom professor no Brasil em diferentes épocas. Suas descobertas mostraram que um bom professor, no Brasil colônia e no Brasil império, estava vinculado a bons prognósticos morais. Já na época republicana, ser bom professor estava vinculado a um perfil cívico-patriótico, que obedecia aos critérios estabelecidos, seguindo fielmente os conteúdos pré-determinados.

Ghiraldelli Jr (1997) é outro pesquisador que estudou o bom professor em diferentes épocas. Sua proposta é ter uma compreensão histórico-filosófica para olhar a questão do bom professor, separando este conceito segundo o paradigma educacional vigente em cada época. Assim, segundo o autor, no discurso pedagógico humanista um bom professor estava vinculado a aquele que tornaria a criança em um autêntico indivíduo. Para o discurso pedagógico da sociedade do trabalho, o bom professor estava relacionado a aquele que proporcionaria a inserção social do indivíduo, integrando-o no mundo para transformar-se em trabalhador, em um profissional.

De acordo com Ghiraldelli Jr (1997) o discurso pedagógico tecnicista considerava como bom professor aquele que tinha a capacidade de munir o indivíduo das técnicas necessárias a sua sobrevivência. Na modernidade o bom professor é aquele que sabe lidar com as inovações tecnológicas, consigo mesmo e consegue educar o indivíduo na e para a sensibilidade.

Cunha (1988) é outra autora que trabalhou o conceito de bom professor. Para ela este conceito é valorativo, porque dá um valor a alguém, e ideológico, porque representa uma ideia que foi construída socialmente sobre o professor, determinado em um tempo e em um lugar no decorrer da história humana. Portanto, o bom professor está em devir, está em um vir a ser constante. É determinado pelas atribuições que lhe são impostas e por aquilo que ele se apropria pelos atos de pertencimento.

A autora (1988, 1998) afirma que a ideia de bom professor é variável, porque depende do ponto de vista de quem está conceituando esse bom professor. Pode passar pela vocação, pela trajetória pessoal, pela influência de outros professores, pela experiência ou pela formação pedagógica. Tudo está direcionado ao fazer docente e as relações estabelecidas entre professor-aluno-conhecimento. Segunda a autora há um peso grande sobre a relação teoria-prática e a coerência entre o que falam e praticam em sala de aula para ser bom professor, que está imbricado com o dever-ser, estipulado socialmente.

Para Rangel (1994) o bom professor é aquele que ensina o conhecimento, estimula o raciocínio crítico e dá valor ao direito político do cidadão a ser e viver com dignidade. Segundo a autora (1994) a representação das falas de quem define o bom professor se apresentam em imagens, conceitos e afirmações consolidadas ao longo de um processo de formação profissional. Para a autora (1994) o conceito de bom professor caminha conectado ao desafio por que passa o sistema educativo.

Para Labaree (apud Nóvoa, 2009) o conceito de bom professor está interligado com tornar-se não-indispensável, ou seja, tem a ver com o professor que consegue proporcionar aos seus alunos aprenderem por si mesmos. Que características teriam este professor que ao ensinar se dispensável? Este bom professor seria aquele que faz do seu aluno autônomo, que parte de significados dos alunos e seus próprios para chegar ao conhecimento. Este professor possibilita ao aluno construir seu próprio conhecimento.

Lowman (2007) outro autor que estudou sobre o bom professor, elaborou um modelo bidimensional, em que a qualidade de ensino é a resultante da habilidade do professor em criar estímulo intelectual e empatia interpessoal com os alunos. O que corrobora com Freire (1996, p.86) quando afirma que: “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. [...] Seus alunos acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Bons professores se fazem no caminhar entre o ensinar e o aprender, o que corrobora com Castro (2009, p.30) quando afirma que “bons professores eletrizam seus alunos com narrativas interessantes ou curiosas, carregando nas costas as lições que querem ensinar”. Mais ainda quando se trata da matemática, porque os alunos precisam de contextualização para absorver as abstrações. É Castro que afirma “preparar aulas é buscar as boas narrativas, exemplos e exercícios interessantes, reinterpretando e ajustando (é aí que entra a criatividade).”

Sobre todos esses autores recai a dimensão cognitiva e a dimensão afetiva na visão sobre o bom professor. Epstein (apud Lowman, 2007) afirma que grandes professores, os ditos bons, têm em comum o amor por sua matéria. Esse amor proporciona satisfação em despertar este mesmo amor em seus alunos pelo o que lhe é ensinado. Portanto, não pode haver separação entre razão e emoção, pois para Wallon (2008, p.17) “as ideias, o conhecimento, que geralmente parecem ser ao mesmo tempo o resultado e a condição da atividade intelectual, são apenas uma das suas possibilidades”.

Em outro texto Ghiraldelli Jr (2010) propõe mandamentos para o bom professor. Dentre estes mandamentos está o domínio sobre o que se pretende ensinar, ou seja, sobre aquilo que deva ser aprendido pelo aluno. Além disso, o bom professor precisa ter a capacidade de se colocar no lugar do aluno, saber convencer, ser razoável, ter percepção de si mesmo e compreender a profissão docente. O bom professor é um leitor consciente, um desbravador criativo, capaz de fazer do aprendizado uma tarefa coletiva, desafiadora, pelo desenvolvimento da curiosidade, da criatividade e da imaginação.

Bom professor por professores de matemática

Foi disponibilizado a 200 professores de matemática da rede estadual de educação do estado do Rio de Janeiro um questionário através do Google docs, para compreender o que os mesmos entendiam ser “bom professor. Os participantes do survey foram escolhidos por estar realizando curso de especialização à distância em convênio afirmado entre a Secretaria de Estado de Educação – SEEDUC/RJ e o Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense - Lante/UFF. O retorno foi de 30% do total dos participantes, ou seja, 60 devoluções. A título de identificação desses professores foram utilizadas as referências de P1 a P60.

Para os professores as habilidades necessárias ao bom professor de matemática são: despertar o prazer no aluno pela disciplina (70%), estimular a participação dos alunos nas aulas e ensinar o conteúdo matemático de acordo com a realidade ao aluno (50%). Os professores podiam escolher mais de uma opção. Veja no gráfico abaixo:



Gráfico 1: Habilidades para ser bom professor

Para P2 o bom professor precisa “planejar a aula com antecedência para ter domínio do assunto a ser abordado, despertando no aluno o interesse pela matemática, que é um grande tabu hoje em dia”. Segundo P7 “Ser um bom professor é despertar o interesse do aluno pela disciplina, fazer com que ele compreenda o conteúdo de forma significativa e consiga aplicá-lo em outras áreas de conhecimento”. P11 afirma que ser bom professor “é fazer o despertar do aluno, motivando-o sempre que possível”. Já P13 declara que o bom professor deve “[...] criar oportunidades para o aluno aprender com todas as ferramentas de ensino. Além da competência, habilidade interpessoal, equilíbrio emocional, tem que ter a consciência de que mais importante do que o desenvolvimento cognitivo é o desenvolvimento humano e que o respeito às diferenças está acima de toda pedagogia”.

Nas respostas fica evidente que o professor está preocupado com o fazer aprender por meio do aprender a aprender. Prazer e participação aliados ao conteúdo contextualizado proporcionam sintonia entre o professor, o aluno e o conhecimento e corrobora com Rangel (1994, p.30) quando afirma que o professor foca o aluno “[...] porque vê, no aluno, uma pessoa que espera dele a compreensão, a estima, a paciência e o companheirismo que têm os amigos” e com Freire (1996, p.86) quando afirma que “[...] O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, [...] é dialógica, aberta, curiosa, indagadora [...]”.

Com relação às qualidades de um bom professor, eles responderam serem aquelas pertinentes ao desenvolvimento da aula em si, tais como planejar (51%) e estabelecer objetivos a alcançar (36%). O ficou constatado nas respostas de P2 “Planejar a aula com antecedência para ter domínio do assunto a ser abordado, despertando no aluno o interesse pela matemática, que é um grande tabu hoje em dia. Estabelecer objetivos a alcançar e procurando fazer muitos exercícios, para fixação de conteúdo” e P39 “Planejar, ou seja, ter objetivos, meios e avaliações”.

Bem como, aquelas que dizem respeito às interações entre ele e seus alunos, tais como estabelecer o diálogo (44%), ser paciente (31%) e ser justo e imparcial (28%). Afirmando na resposta de P43 “O bom professor é paciente, justo, imparcial e incentiva os alunos a participarem ativamente das aulas. Além disso, busca conhecer sua clientela e adaptar os conteúdos a realidade de seus alunos.”

Como demonstrado no gráfico abaixo:



Gráfico 2: Qualidades de um bom professor

O que fica constatado que o professor de matemática está preocupado em criar sua aula, em torná-la atraente, dialética e dialógica. Isto devido ao entendimento que o aluno dá mais importância, segundo Cunha (2010, p.44), “[...] às qualidades humanas e relacionais do docente do que às qualidades ligadas à técnica pedagógica [...] e a características relacionadas com a moderação, a paciência e a empatia [...]”. Esse professor olha o aluno, seu interesse e ajuda-o, despertando sua curiosidade frente aos novos conhecimentos de matemática. Esta atitude do professor proporciona, no aluno, um estímulo positivo com relação à própria disciplina, que pode libertá-lo da fobia ou ansiedade em relação à matemática.

Em relação às competências necessárias ao bom professor, 73% dos professores afirmam que ter domínio sobre o que ensina é imprescindível, corroborando com Ghiraldelli Jr (2010) em seu primeiro mandamento e com Freire (1996, p. 92) quando afirma: “[...]. O professor que não

leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. O professor que tem o domínio sobre o que ensina consegue criar, transformar e eletrizar o conteúdo matemático, tornando-o acessível ao aluno, permitindo-o aprender com prazer. A esse respeito Cunha (2010, p.41) afirma “que o docente deva conhecer profundamente a matéria de ensino, transmitindo-a, criando assim situações que permitam aos alunos apropriar-se dela de forma eficaz”.

Como evidenciado no gráfico a seguir:



Gráfico 3: Competências do bom professor

Dentre as competências citadas, ser criativo (52%), ser mediador (50%) e ser pesquisador (40%) também tiveram destaque entre os professores. P51 afirma que “ser um bom professor é ter um bom domínio do conteúdo, ser um pesquisador e mediador, procurar sempre metodologias alternativas para as suas aulas”.

Atualmente o professor de matemática busca novas alternativas para inovar e transformar suas aulas, tornando-as mais prazerosa. Essas alternativas envolvem implicações afetivas, pois a qualidade das mediações desenvolvidas pelo professor faz com que o aluno aprenda a gostar de matemática. Esse professor gosta do que faz. É pela mediação que o professor passa sua intenção de ensinar, ressignificando o conteúdo matemático de forma criativa e favorecendo a integração do mundo interior do aluno com o mundo exterior. Dessa maneira, o aluno consegue aprender pelo desenvolvimento de suas capacidades.

Alguns professores expressaram em suas respostas a necessidade de integração e de envolvimento político entre os pares. Ficou claro que muitos professores estão olhando seus alunos sob outro ponto de vista, acredita que o aluno aprende, que tem potencialidades e exerce sua atividade em um meio de harmonia e confiança. Para P31:

ser um bom professor é preciso, ainda, que ele seja um eterno estudioso da sua própria disciplina e de suas tendências, interessado nos elementos que as contextualiza e a que estimulem ao aluno a se aperfeiçoar como cidadão responsável, comunicativo e expressivo, capaz de interpretar e atuar autonomamente na sociedade que está inserido. Um bom professor é também pesquisador, aluno e educador integralmente, bem relacionado e que está disposto a fazer projetos interdisciplinares/trabalhos colaborativos com alunos e/ou professores.

Segundo P27 ser bom professor é:

ser um mediador entre o ensinar e o aprender contribuindo para a formação de um cidadão crítico, ativo e capaz de fazer suas próprias descobertas. Temos muitos entraves que dificultam a nossa missão. Por

isso devemos gostar, antes de tudo, da nossa profissão. Caso contrário, por mais esforço que se faça, nada surtirá o efeito que desejamos. Ser um bom professor é respeitar a individualidade e valorizar a capacidade crítica de cada um, é estar procurando se atualizar sempre que puder promovendo assim um ensino de qualidade para a sociedade.

De acordo com P51: “É conseguir trabalhar com baixos salários, sem estímulos dados pelos empregadores, sem materiais básicos para ensinar e, mesmo assim, conseguir ânimo para educar muitos brasileiros para transformar a sociedade e fazer dela um lugar melhor para todas as classes!”

Matemática e afetividade: transformando práticas, subvertendo aprendizagens

Assim como Cunha (2004) afirma que a relação professor-aluno é de capital importância para o desenvolvimento pedagógico, é importante afirmar que esta relação é desenvolvida em uma relação afetiva. Para Davydov (apud Libâneo, 2004, p.14) mais importante que o pensamento é a emoção que este desencadeia para a pessoa decidir e agir. Segundo esse autor “[...] as emoções são muito mais fundamentais do que os pensamentos, elas são a base para todas as diferentes tarefas que um homem estabelece para si mesmo, incluindo as tarefas do pensar”. Portanto, o gostar de matemática relaciona-se com o modo que desenvolve sua aula, com a atitude que o professor desempenha frente ao aprendizado do aluno.

Wallon (2007, p.93) afirma que “[...] pela emoção com a qual vibrou, o indivíduo encontra-se virtualmente em sintonia com qualquer outro no qual se produziram as mesmas reações”. Desse modo, os processos afetivos, dos quais a emoção é um estado, são todos os estados que desencadeiam sensações de prazer ou desprazer, ligadas as tonalidades agradáveis e desagradáveis. Saber ouvir (38%) e se colocar no lugar do aluno (35%) também são competências apontadas pelos professores, o que permite concluir que ele está preocupado em desenvolver no aluno tudo aquilo que ele consegue.

Esse professor sabe valorizar as relações interpessoais entre ele, o aluno e o conhecimento. Para ele há a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio neste tripé, pela inovação e pelo acolhimento e reconhecimento das dificuldades do aluno diante da matemática, corroborando com Lowman (2007) que afirma que um bom professor precisa desenvolver o estímulo intelectual e fortalecer a empatia interpessoal. É a compreensão empática, em que o professor consegue se colocar no lugar do aluno, compreender as reações do aluno e perceber como ele faz para aprender. Desse modo, o professor aceita o aluno como ele é, como pessoa, com sentimentos e opiniões que podem ser divergentes.

Segundo Paro o aluno “só aprende se quiser” e isso tem como consequência que “o papel por excelência do professor é propiciar condições para que o aluno queira aprender” (PARO, 2012, p.600). De acordo com o autor só se consegue essas condições com por meio de uma relação de diálogo entre ambos, que é ao mesmo tempo política. Desse modo, o professor como pessoa relaciona-se com pessoas e para realizar seu trabalho docente “o professor deve desejar o aprendizado do aluno, esse é o seu motivo para ensinar” (PARO, 2012, p.600).

Com a publicação dos PCNs (1997) houve uma maior preocupação com as variáveis afetivas, em sua parte introdutória (1997, p.98) afirma que: “os aspectos emocionais e afetivos são tão importantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer”. Não há interesse nem aprendizagem quando o educando não está imbuído pelo espírito de aprender.

Tanta preocupação, tanto pelos autores como pelas políticas públicas, justifica o interesse dos professores de matemática em ouvir seus alunos, em dar atenção aquilo que ele traz e tentar contextualizar os conceitos matemáticos voltado para o vivido. De acordo com Wallon (2007, 2008) a afetividade é contagiosa e portanto, um clima emocional prazeroso na sala de aula favorece a aprendizagem. Assim, o que o aluno ganha com um clima emocional de prazer vai repercutir em seu cognitivo, possibilitando sua aprendizagem. Passar em gestos, atitudes e posturas que o aluno consegue aprender é encorajar resultados favoráveis.

Considerações finais

Nas análises realizadas sobre as respostas obtidas dos professores de matemática a pesquisa aponta para a necessidade de o professor estabelecer um vínculo afetivo entre ele, o aluno e o conhecimento. Aponta, também, para a busca de novas formas de ensino e de aprendizagem, em que é trabalhado o estímulo intelectual por meio da valorização do que o aluno traz, da experiência já desenvolvida com a matemática e com suas dificuldades e possibilidades diante do conteúdo abordado. Bem como, assinala para o estabelecimento da compreensão empática desenvolvida pela escuta empática, da compreensão de como esse aluno é e no entendimento de suas opiniões e sentimentos para com a matemática.

Diante dos dados acima apresentados cabe observar que o professor de matemática para ser “bom professor” precisa estar balizado por experiências práticas em sala de aula para compreender seu aluno e sua relação com o conhecimento matemático. Necessita estar em constante formação para adquirir novos meios para ensinar e aprender, proporcionando a troca dialógica e dialética para uma aprendizagem mais significativa.

Em suma, um bom professor é aquele que sabe “seduzir” o aluno, ou seja, que consegue “trazer para o seu lado” (Codo & Gazzotti, 2000, p. 50) e ao mesmo tempo sensibiliza e é sensibilizado pelas relações entre aluno-professor-conhecimento. É o “catalisador” da motivação, da cooperação e da aprendizagem, permitindo ao aluno caminhar e construir conhecimentos. É aquele que ouve empaticamente e se faz empático, que aprende enquanto ensina e enquanto ensina permite ao aluno aprender.

Referências Bibliográficas

- Castro, C. de M. (2009). Educar é contar histórias. *Revista Veja*. Ed. 2116, ano 42, 23. p.30. Recuperado de www.veja.com.br/acervodigital.
- Codo, W. & Gazzotti, A. A. (2000). Trabalho e carinho. En Codo, W. (Ed.). *Educação, carinho e trabalho*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 48-59.
- Cunha, A. C. (2010). Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. *Educação em Revista*. 11(2), 41-52. Recuperado de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/2320>.
- Cunha, M. I. (1988). *A prática pedagógica do “bom professor”: influências na sua atuação*. (Tese inédita de doutorado). UNICAMP/FE, Campinas, BR.
- Cunha, M. I. (1998). *O bom professor e sua prática*. Rio de Janeiro: Papyrus.
- Cunha, M.I. (2001). A relação professor-aluno. In: Veiga, I.P.A. (coord.). 21 ed. rev. e atual. SP: Papyrus, 2004.

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gabardo, C.V & Hobold, M.S. (2011). Início da docência: investigando professores do ensino fundamental. *Formação Docente*. 3(5), 85-97. Recuperado de <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.
- Ghiraldelli Jr, P. (1997). O que é um “bom professor”? O professor no discurso pedagógico no mundo moderno e contemporâneo. *Educação e Filosofia*. 11(21 e 22), 245-262.
- Ghiraldelli Jr, P. (2010). *Os dez mandamentos do bom professor*. Recuperado de <http://ghiraldelli.pro.br/2010/07/os-dez-mandamentos-do-bom-professor/>.
- Huberman, M. (2000). O ciclo de vida profissional dos professores. En: Nóvoa, A. (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto.
- Libâneo, J.C. (2004). A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira de Educação*, Anped, Rio de Janeiro. 27, 5-25. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>.
- Lowman, J. (2007). *Dominando as técnicas de ensino*. Trad. Harue Ohara Avritscher. Cons. Téc. Ilan Avrichir, Marcos Amatucci. São Paulo: Atlas.
- Marcelo Garcia, C. Políticas de inserción a la docência: de eslabón perdido a puente para el desarrollo profesional decentee. (2008). En Marcelo Garcia, C. (coord.). *Profesores principiantes e inserción a la docência*. 20, 7-57. Octaedro: Barcelona.
- Marcelo Garcia, C. (1999). Estudio sobre estrategias de inserción profesional en Europa. *Revista Iberoamericana de Educación*. 19, 101-143. Recuperado de <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie19a03.PDF..>
- Monteiro, R.G. e Martins, P.L.O. (2009). Quem é o bom professor para estudantes do ensino médio? IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. *Anais...* PUCPR. Paraná. 1694-1703. Recuperado de http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2680_1214.pdf.
- Nóvoa, A. (2009). Os professores e o “novo” espaço público da educação. En Tardif, M. e Lessard, C. *O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Trad. Lucy Magalhães. 3 ed. Capítulo 11, 217-233. Rio de Janeiro: Vozes.
- Paro, V.H. (2012). Trabalho docente na escola fundamental: questões candentes. *Cadernos de Pesquisa*. Outros Temas. 42(146), 586-611. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n146/14.pdf>.
- Rangel, M. (1994). *Representações e reflexões sobre o bom professor*. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Wallon, H. (2008). *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Trad. Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes. (Coleção Textos Fundantes de Educação).
- Wallon, H. (2007). *A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Trad. Gentil Avelino Titton. Rio de J Janeiro: Vozes.